



Formação e prática docente: Limites e potencialidades para a educação geográfica

Formación y práctica docente: Limites y potencialidades para la Educación Geográfica

Teachers training and practice: Limits and potential for Geography Education

Afonso Vieira Ferreira

Universidade Federal de Goiás
afonsoppgeo@gmail.com

Daniel Mallmann Vallerius

Universidade Federal do Tocantins
daniel.mv@uft.edu.br

Resumo: Formar professores se constitui em um desafio permanente para todos que, em alguma dimensão, estão envolvidos com esta demanda. No sentido de contribuir com a busca para qualificar tais processos formativos, esta investigação anseia identificar aspectos que podem contribuir para a compreensão sobre como os professores de Geografia da educação básica vislumbram a formação, a Geografia e alguns elementos da prática docente, defendendo que estas dimensões se colocam, dialeticamente, como limites e possibilidades para Educação Geográfica, bem como a importância da escuta ativa a estes sujeitos como uma estratégia potencialmente qualificadora da formação inicial. Optou-se pelo diálogo com professores do estado do Tocantins (região Norte do Brasil), dando voz aos sujeitos que estão trabalhando diretamente com a construção da Geografia cotidianamente nas escolas. Sem qualquer intenção de esgotar o debate, este artigo coloca-se como um retrato das percepções de alguns professores sobre a formação e a prática docente, compreendendo que estas dimensões contribuem de maneira indissociável para o delinear de uma Educação Geográfica que seja efetivamente significativa.

Palavras-Chave: Formação de Professores; Prática Docente; Percepções dos sujeitos.

Resumen: Formar docentes es un desafío permanente para todos los que, en alguna dimensión, están involucrados con esta demanda. Con el fin de contribuir a la búsqueda de cualificar los dichos procesos de formación, esta investigación pretende identificar aspectos que puedan contribuir para comprender cómo los profesores de Geografía de la educación básica conciben la formación, la Geografía y algunos elementos de la práctica professoral, argumentando que estas dimensiones son, dialécticamente, como límites y potencialidades para la Educación Geográfica, así como la importancia de la escucha activa de estos temas como estrategia potencialmente formativa para la formación inicial. Optamos por el diálogo con los docentes del Estado do Tocantins (región Norte de Brasil), concediendo voz a los sujetos que trabajan directamente con la construcción de la Geografía en el día a día en las escuelas. Sin intención de agotar el debate, este artículo se presenta como un retrato de las percepciones de algunos docentes sobre la formación y la práctica professoral, entendiendo que estas dimensiones contribuyen inseparablemente para delinear una Educación Geográfica que sea efectivamente significativa.

Palabras-clave: Formación del Profesorado; Prácticas docentes; Percepción de los sujetos.

Abstract: Training teachers is a permanent challenge for everyone who are who are involved, in some dimension, with this demand. In order to contribute to the search to qualify such training processes, this investigation aims to identify aspects that can contribute to the understanding of about how the basic education Geography teachers envision training, Geography and some elements of teaching practice, arguing that these dimensions stand, dialectically, as limits and possibilities for Geographic Education, as well as the importance of active listening to these subjects as a potentially qualifying strategy for initial training. We opted for dialogue with teachers from the Tocantins state (North region of Brazil), giving voice to the subjects who are working directly with the construction of Geography on a daily basis in schools. Without any intention of exhausting the debate, this article presents itself as a portrait of the perceptions of some teachers about teaching training and practice, understanding that these dimensions contribute inseparably to outline a Geographic Education that is effectively meaningful.

Keywords: Teacher training; Teaching Practice; Subjects' perceptions.

Palavras Iniciais

Formar professores efetivamente qualificados e competentes é um desafio que, em alguma medida, inquieta a todos que trabalham neste campo. A formação inicial deste profissional, diretamente influenciada por políticas específicas e pelos limites espaço-temporais desta, nos move a buscar estratégias metodológicas que compreendam as demandas dos sujeitos e as percepções deles sobre a Geografia, a escola e a sua própria prática.

Neste mesmo sentido, acreditamos que a formação do professor e a sua respectiva prática deste são elementos indissociáveis na constituição da profissionalidade do docente. Todavia, nem sempre estes sujeitos são, eles próprios, convidados a dialogar acerca das concepções que constroem acerca de tais aspectos.

É neste contexto que este artigo, e esta investigação, se insere, dando voz a professores que atuam na região Norte do Brasil, e que foram instados a dialogar sobre elementos que, sob as nossas lentes, possuem grande relevância para os seus respectivos cotidianos profissionais.

Concepções de professores da educação básica acerca da formação, da Geografia e da prática docente

Como identificar as concepções que os professores de Geografia constroem acerca de aspectos que compõem a formação, a compreensão da ciência de referência e a prática docente? Essa questão não tem resposta simples ou fácil, tendo em vista que, no seu processo formativo, o professor de Geografia (como também, professores de outras áreas do conhecimento) transforma sua visão de mundo a partir do contato que estabelece com ciência. Neste percurso, sua visão de mundo é também determinada pelas condições concretas de vida e existência e, posteriormente (com ingresso na docência) sofre impactos associados à prática pedagógica desenvolvida na escola. Nesse sentido, se vislumbra nesta análise, identificar aspectos que podem corroborar para se compreender como professores de Geografia da educação básica concebem a formação, a Geografia e elementos da prática docente, compreendendo que estes são alguns dos aspectos que se colocam, dialeticamente, como limites e possibilidades para educação geográfica.

Nessa perspectiva, se questionou aos professores, por meio de questionários e entrevistas¹, quanto a elementos relativos à formação, a caracterização/definição que fazem da ciência geográfica e acerca de aspectos da prática didático-pedagógica com o ensino de Geografia na escola. Os sujeitos envolvidos nesta análise são professores de Geografia que atuam na educação básica (etapa do ensino médio) no estado do Tocantins. Como estratégia metodológica de produção de dados e informações se adotou elementos da pesquisa qualitativa, com a aplicação questionários semiestruturados e da entrevista não diretiva. No processo de identificação dos sujeitos² dessa análise, considerando os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, optou-se por identificá-los com nomes de personalidades históricas do mundo do futebol e da música brasileira. Alguns dados e informações, quanto aos aspectos relacionados à formação dos professores participantes desta análise são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Aspectos da formação dos professores de Geografia participantes do estudo

Professor(a)	Ano de Formação	IES de Formação	Tipo de Formação	Ingresso na Docência	Tempo de Docência	Qualificação Complementar
Beth	2016	Particular	Seriada	2016	12 anos ³	Especialização
Nilton	2019	Particular	EAD	2024	-	-
Manoel	2005	Pública	Regular	2006	16 anos ⁴	Mestrado/Doutorado

Elaborado pelo autor, fonte: questionário de pesquisa

O quadro revela aspectos gerais relacionados à formação dos professores participantes da investigação. Cumpre destacar que dois dos professores participantes deste estudo foram aprovados recentemente em concurso público, um deles representando o ingresso na docência em Geografia e o outro caso marcando a mudança de relações trabalhistas, tendo em vista que a professora Beth já era professora em regime de contrato temporário e após a aprovação em concurso assume

1 Questionários (aplicados) e entrevistas (realizadas) entre os meses de fevereiro e março de 2024.

2 Os nomes adotados considerando, o gênero dos participantes, foram: Beth, Nilton e Manoel (em homenagem à Beth Carvalho; Nilton dos Santos e Manoel Francisco dos Santos)

3 Considerando outras experiências como professora na etapa dos anos iniciais da educação básica;

4 Considerando a intermitência de relações trabalhistas, tendo em vista que o professor exerce a docência a partir de um contrato temporário.

a docência em regime efetivo. Quanto ao tipo de Instituição de Ensino Superior (IES) aos quais os professores realizaram suas respectivas graduações, destacam-se IES particular. O tipo de formação é uma outra característica interessante para a análise que pode ser compreendido ao considerar as condições materiais de existência dos professores em seus contextos de vida, tendo em vista que, a flexibilidade e as possibilidades de realização de estudos de graduação em horários e tempos distintos aos de uma graduação regular possibilitaram aos professores Nilton e Beth⁵ a formação em Geografia. O professor Manoel que possui maior tempo de docência em Geografia e concluiu recentemente seus estudos de doutorado, é o único que possui vínculo trabalhista por meio de contrato temporário.

Considerando os aspectos relacionados à formação dos professores participantes, cumpre questionar: o tipo de formação, o tempo de docência e os estudos complementares favorece (ou não) a compreensão que os professores constroem sobre a Geografia? Essa parece ser uma questão de conclusão óbvia, mas as respostas apresentadas pelos professores trazem indicativos de que, no contexto da pesquisa, estes elementos parecem ter pouco impacto acerca da concepção de Geografia que os professores formulam. De modo que a compreensão dessa relação constitui-se um campo ainda em aberto para se entender e explicitar aspectos da formação e da prática docente, elementos estes, que podem contribuir para o ensino de Geografia, tendo em vista que cabe ao professor de Geografia compreender em profundidade a ciência que é referência para sua atividade profissional desenvolvida na escola.

Desse modo ao questionar os professores participantes da pesquisa sobre como definiriam a Geografia, considerando a história da ciência geográfica, suas principais matrizes conceituais, princípios, categorias e métodos, os professores apresentaram grandes dificuldades dificuldades, conforme o quadro 2.

⁵ A professora Beth, que era professora dos iniciais do ensino fundamental (no seu período de formação), reside em uma cidade pequena distante da universidade que oferta o curso de Geografia de modo regular; O professor Nilton, no período de formação, residia e trabalhava em horário comercial (8h às 12h e de 14 às 18h) na capital do estado do Tocantins, que também não possui a oferta do curso de Geografia.

Quadro 2: A Geografia segundo os professores participantes da pesquisa

Professor(a)	Definição/Caracterização da Geografia
Beth	<p><i>Geografia... pra mim [sic] é conhecer o mundo, é o mundo, né... Ali na Geografia você vê a parte física do mundo você vê a parte econômica para você descobrir o mundo você tem que saber a Geografia... É muito ampla né, Geografia te dá várias possibilidades de você conhecer tudo, tudo do mundo através da Geografia.</i></p>
Nilton	<p><i>A Geografia ela... Pode assim dizer, ela é definição, ela tá muito relacionada ao espaço geográfico então é nada mais é que o espaço geográfico, né!? Em suas determinadas extensões que se estendem para o lado físico, químico e biológico dentro da especialização em questão que é o estudo da, da terra.</i></p>
Manoel	<p><i>Bom a Geografia é assim... é a ciência que se o aluno pensar bem e, nós como professores também, ela está presente em todo o dia a dia do aluno, né? Fazemos Geografia todos os dias, tem um ditado que diz que nós somos geógrafo de, de formação mesmo... Somos geógrafos naturalmente pelo fato de que a Geografia está presente no nosso dia-a-dia, então muito mais de ser uma ciência que tem como um objeto de estudo a própria relação, que tem como objeto de estudo o espaço geográfico que resulta dessa relação homem e natureza, a Geografia, ela nos permite conhecer o mundo como ele é, partindo do local, até porque o local... o mundo, o Global está presente no local, então a Geografia, ela nos permite fazer essa ponte... do local com global e do global com o local também, porque é uma ciência que a gente vive no dia a dia.</i></p>

Elaborado pelo autor, fonte: diário de campo

Os professores, em certa medida, compreendem o objeto de estudo da Geografia, como sendo o espaço geográfico, mas parecem apresentar uma visão um tanto quanto empirista simplista da ciência geográfica. No entanto, há que se compreender que o espaço, objeto de estudo e da análise geográfica “é concebido, assim, não como aquele da experiência empírica, não como um objeto em si mesmo [...], mas como uma abstração uma construção teórica, uma categoria de análise que permite apreender a dimensão da espacialidade das/nas coisas do mundo.” (CAVALCANTI, 2012, p, 164). Desse modo

o espaço das análises e estudos geográficos é um espaço simbólico (que retrate a concretude objetiva do espaço em sua materialidade) que explicita as conexões, relações e dinâmicas para além dos fenômenos empíricos. Desse modo se compreende que as relações empíricas apresentam apenas a superficialidade do objeto, nesse sentido, Santos (2014) alerta quanto ao risco de se realizar análises simplistas e superficiais de fenômenos e situações geográficas. Segundo o autor, quando “o geógrafo torna-se um empiricista e está condenado a errar em suas análises se somente considera o lugar, como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que objetos e relações mantêm ligações dialéticas [...]”. (SANTOS, 2014, p. 63).

Ao caracterizar a Geografia a professora Beth afirma que a *“Geografia te dá várias possibilidades de você conhecer tudo, tudo do mundo através da Geografia”*, essa concepção aproxima-se do sentido de ciência geográfica destacada por Santos (1999) que tenta compreender a totalidade, no entanto, a totalidade a qual Santos (1999, p. 92) se refere se constitui a partir da proposição de “uma visão totalizante do mundo”, perspectiva esta, que compreende que “cada coisa nada mais que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes.” (SANTOS, 1999, p. 93). Frente a complexidade apresentada pelo autor e a resposta apresentada pela professora Beth, depreende-se, que sua concepção parte de uma visão romântica da Geografia, que avoga ser a ciência geográfica ser tão abrangente e ampla que tudo seja considerado objeto da análise e de estudos geográficos.

O professor Nilton buscou relacionar Geografia e espaço geográfico, destacando que o espaço geográfico possui extensões *“para o lado físico, químico e biológico dentro da especialização em questão que é o estudo da, da terra.”*. Há que estabelecer diferenças, não há que se confundir ciência e seu objeto, nessa compreensão o “espaço geográfico possui seu status de existência e seu caráter ontológico, mas que sua apreensão só está passível de tradução mediante a ciência e a pesquisa” (ROSSI, 2021, p. 44), processo este, que se dá por meio da análise e pesquisa de situações e fenômenos espaciais e geográficos. Outro aspecto destacado a partir da resposta do professor, refere-se ao fato

do mesmo segmentar a ciência geográfica em *compartimentações*. Essa visão fragmenta o discurso geográfico de perspectiva totalizante proposta por Santos (1999), nesse sentido, Suertegaray (2015, p. 97) alerta e questiona: “se fragmentar é dividir em pedaços, as conexões são rompidas e a possibilidade de compreensão conjuntiva se torna impossível. Estaria então a Geografia tendendo para a fragmentação de seu objeto?”. Outro aspecto destacado da concepção apresentada pelo professor Nilton, que caracteriza a Geografia como estudo da terra, apresenta uma definição simplista e superficial do objeto de estudo da ciência geográfica, tendo em vista que, “esta concepção é a mais usual, e ao mesmo tempo a de maior vaguidade. Pois a superfície da terra é o teatro privilegiado (por muito tempo o único) de toda a reflexão científica, o que desautoriza a colocação de seu estudo como especificidade de uma só disciplina.” (MORAES, 1987, p. 13)

O professor Manoel, ao apresentar a Geografia, destaca a relação sociedade e natureza, nessa perspectiva se compreende que a Geografia, enquanto campo do conhecimento, se constituiu como “uma ciência da relação natureza e sociedade, uma ciência da conjunção do natural e do social.” (SUERTEGARAY, 2003, p. 44). Outro aspecto destacado pelo professor Manoel refere-se à dimensão da escalaridade ao afirmar que “*a Geografia, ela nos permite conhecer o mundo como ele é, partindo do local, até porque o local, o mundo... O global está presente no local, então a Geografia, ela nos permite fazer essa ponte, do local com global e do global com o local[...]*”. Essa compreensão escalar parece ser um caminho para ultrapassar a compreensão empirista de fenômenos e situações geográficas.

A partir da exposição das perspectivas e concepções apresentadas pelos professores se pode depreender que os mesmos compreendem, em certa medida (de modo não muito aprofundado), o objeto de estudo da Geografia como sendo o espaço geográfico, mas não conseguem estabelecer relações (de modo consistente) quanto aos aspectos e elementos que o espaço geográfico abriga em sua complexidade. Apresentam ainda uma concepção empirista da Geografia, se resumindo quase que exclusivamente, às relações cotidianas expressas no mundo da vida dos sujeitos.

Questionados sobre o que é, e o que caracteriza uma aula, também sobre a importância do ensino de Geografia na etapa da educação

básica os professores demonstraram concepções também não muito aprofundadas. Sobre questões didático-pedagógicas que envolvem e caracterizam uma aula os professores afirmaram que compreende um momento formativo de construção de conexão (com os conhecimentos geográficos), no entanto, não caracterizaram este processo. Sobre a importância do ensino de Geografia os professores buscaram, em geral, relacionar Geografia e mundo ou relacionada a progressão escolar e/ou para o ingresso em formação profissional ou para auxiliar na inserção no mercado de trabalho, conforme quadro 3.

Quadro 3: definição de aula e da importância do ensino de Geografia segundo os professores

Professor(a)	Concepções dos professores sobre a aula e a importância do ensino de Geografia
Beth	É assim... Uma aula é você tá conectando o estudante, com o conteúdo ali, com o mundo. Você tem que tá criando conexão ali [...];
	[...] eu acho que é importante para a gente conhecer a Geografia física, para conhecer a Geografia econômica as várias ramificações, isso aí para eles... Acho que assim... Abre a mente do estudante para o mundo.
Nilton	A aula é um momento formativo né!? Onde os alunos eles vão de certa forma exercitar os conhecimentos adquiridos em séries anteriores ou mesmo adquiridos em momentos cotidianos né e em casa, por exemplo [...];
	Geografia ela é a base, ela é uma das bases educacionais para que seja construído um bom profissional
Manoel	Bom... Uma aula, fugindo um pouco da própria ideia de tradicionalismo, né? eu conseguir por meio da louça ao mesmo tempo conectando isso com eventos que podem ocorrer na própria escola eu consigo trazer isso para próximo do aluno, é pegar tipo um conceito e trazer para a realidade dele e fazer uma adequação de maneira tal que eu consiga atingir meu objetivo para aquela aula, é fazer com que o aluno entenda que a Geografia ela se faz de forma construtiva [...];
	Geografia é uma forma de conhecer o mundo né, as conexões, é uma forma de conhecer o meio ambiente que não somente o meio ambiente, mas conhecer as transformações que esse mundo passa a partir de uma perspectiva de um sistema capitalista [...] partir desse conhecimento da Geografia enquanto a ciência ele consegue desenvolver o seu senso crítico de interpretação do mundo, das transformações que o mundo passa.

Elaborado pelo autor, fonte: diário de campo

As respostas dos professores caracterizam ainda a aula como sendo um momento formativo de conexão entre o conteúdo e o mundo, no entanto, faltam às respostas dos professores, destaque aos sujeitos e objetos envolvidos neste processo e a função de cada um (professor e estudantes e conteúdos) na atividade de ensino e aprendizagem, compreendendo segundo Cavalcanti (2008) que

O ensino é um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação do outro. O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual, afetiva e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção; o professor, também sujeito ativo no processo, tem o papel de mediar as relações do aluno com os objetos de conhecimento; a geografia escolar é considerada no processo como uma das mediações importantes para a relação dos alunos com a realidade. (CAVALCANTI, 2008, p. 48).

Falta ainda, nas respostas dos professores, destacar com maior clareza, como acontece o processo de mediação didático-pedagógica do conteúdo (objeto de conhecimento) no contexto de sala de aula e como estudantes e professores se relacionam com os conhecimentos científicos da ciência geográfica, que segundo Cavalcanti (2024) se constitui como um processo que “é relacional, envolvendo os sujeitos já diferenciados, aluno e professor, e a mediação da disciplina escolar. É essa relação que dá vida ao que ocorre nas situações de ensino, fazendo parte da dinâmica dessa situação as relações entre elementos, componentes e momentos de ensino.” (CAVALCANTI, 2024, p. 29).

Quanto à importância do ensino de Geografia, o destaque dado, pelos professores Beth e Nilton, apresenta uma visão utilitarista da Geografia como sendo uma forma de conhecer o mundo, como um meio para construir bases para uma futura formação profissional. Já o professor Manoel destaca que a importância do ensino de Geografia está em possibilitar o desenvolvimento do senso crítico frente às transformações do mundo. A esse respeito Cavalcanti (2019) afirma que

A presença da Geografia na educação básica escolar se deve ao fato de considerar-se que seus conhecimentos são relevantes para todas as pessoas, para se viver no mundo e para compreendê-lo melhor. Sendo assim, o pensamento geográfico, como resultado e como condição de produção de novos conhecimentos, também é, em alguma medida, relevante para todas as pessoas, para a formação básica de todos os cidadãos. (CAVALCANTI, 2019, p. 81)

Essas e outras questões necessitam ser exaustivamente investigadas, tendo em vista, que o professor precisa ter clareza não apenas dos conhecimentos científicos do seu campo do saber e os respectivos conhecimentos didático-pedagógicos, mas como a área de conhecimento a qual atua contribui para a compreensão do mundo, para o desenvolvimento do pensamento, de sua capacidade criativa, autônoma, com autoria e criticidade frente aos desafios do mundo contemporâneo, e como este processo contribui para formação cidadã dos sujeitos.

Neste contexto, cabe pontuar também as potencialidades de uma educação geográfica que faça sentido aos sujeitos para a sua leitura e construção de mundo. E esta apenas será realmente desenvolvida e delineada a partir de uma prática na escola que seja efetivamente reflexiva, crítica e que convide os estudantes a olharem para os fenômenos geográficos a partir das suas lentes – e atribuam significado a estes. Torna-se imperativo, portanto, conhecer as visões, práticas e particularidades profissionais dos professores de Geografia para permitir que sejam ofertadas possibilidades formativas que o qualifiquem.

Para não encerrar o debate...

Dialogar com os professores, dar voz aos sujeitos e buscar compreender as suas concepções acerca da Geografia é uma escolha metodológica que nos conduz a reflexões e inquietações para além daquelas explicitadas em um primeiro momento pelos sujeitos. Afinal, ao ouvir as suas percepções, inegavelmente somos convidados a refletir sobre a nossa prática também. O exercício da escuta atenta e qualificada, portanto, é fundamental para que possamos qualificar permanentemente a formação dos sujeitos e estarmos atentos para as demandas dos profissionais no que concerne a sua caminhada formativa.

Neste contexto, esta investigação buscou conhecer um pouco mais acerca das concepções que os professores de Geografia delineiam acerca de aspectos que compreendem a formação, a compreensão da ciência de referência e a prática docente. Este exercício é complexo – e quando fazemos esta afirmação, é importante esclarecer que esta não remete-se a algo difícil, mas sim, a compreensão de que este processo envolve uma intrincada teia de posicionamentos, percepções, aspirações profissionais e anseios pessoais, além das experiências formativas e laborais que indubitavelmente exercem grande influência neste processo.

Ao escutarmos os professores neste exercício investigativo, foi possível conhecer um pouco mais sobre algumas das múltiplas dimensões que compõem as percepções dos sujeitos no que concerne a sua formação, a sua prática e as demandas que estas invariavelmente trazem consigo. Pontuamos uma vez mais a nossa crença nesta escolha metodológica como um instrumento que pode ofertar importante subsídios – tanto para a qualificação da formação inicial e continuada, como das respectivas práticas docentes dos professores de Geografia.

Conforme pontuamos, este artigo não tem a pretensão de colocar um ponto final nestas discussões, pelo contrário. Partilha-se aqui os diálogos com três professores que, a partir da sua trajetória individual e coletiva, assumiram as suas respectivas concepções acerca da educação Geográfica, e mostraram, uma vez mais, que os professores em exercício têm muito a nos dizer sobre a Geografia que constroem cotidianamente. Evoca-se que acreditamos e defendemos o potencial da Educação Geográfica para apoiar leituras críticas e qualificadas de mundo, e mais do que isso, reiteramos a aposta no papel imprescindível do professor de Geografia neste cenário.

Referencias:

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o Ensino de Geografia para a vida cotidiana. Campinas: Papirus, 2012.

_____. Pensar pela Geografia: Ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

_____. Ensinar e Aprender Geografia: elementos para uma didática. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação – USP, v. 23, n. ½, p. 185-195, jan/dez. 1997.

KAERCHER, Nestor André; MENEZES, Victoria Sabbado. De pupa a borboleta: construção identitária do estagiário de licenciatura em Geografia. Uma prática existencial. In: XIII Encontro Nacional de Prática

de Ensino em Geografia, 2017, Belo Horizonte. Anais do XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Belo Horizonte, 2017. v. 1. p. 885-896.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena historia crítica. . São Paulo: Hucitec. 1981.

ROSSI, Rafael. Espaço geográfico [recurso eletrônico] : ensino e crítica / autor: Rafael Rossi. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2021

SANTOS, Milton. Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia / Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. – 6. Ed. 2. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. DEBATE CONTEMPORÂNEO: Geografias ou Geografia? Fragmentação ou totalização?. *Geographia*, 19(41), 16-23, 2018.

_____. Geografia e interdisciplinaridade. Espaço geográfico: interface natureza e sociedade. *Geosul*, Florianópolis, v.18, n.35, p. 43-53, jan./jun. 2003

VALLERIUS, Daniel Mallmann. O estágio supervisionado de professores de Geografia: notas importantes e (des)pretensiosas para o seu revelar. In: VALLERIUS, Daniel Mallmann; Mota, Hugo Gabriel; Santos, Leovan Alves dos. O Estágio Supervisionado e o Professor de Geografia. *Paco e Littera*. Edição do Kindle.2019. p. 20-37.

Afonso Vieira Ferreira

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. Atualmente é professor da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins.

Endereço profissional: Rua Ponte Nova, S/N, Escola Estadual Pedro Macedo. Novo Acordo/TO, CEP 77610-000.

E-mail: afonsoppgeo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9447-9811>

Daniel Mallmann Vallerius

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor da Universidade Federal do Tocantins.

Endereço profissional: Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N, Campus UFT, Porto Nacional - TO, 77500-000, Brasil

E-mail: daniel.mv@uft.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9432-9568>

Recebido para publicação em janeiro de 2024.

Aprovado para publicação em março de 2024.